

# O café na economia do país

A prestigiosa revista "VISO", que se publica no Rio, solicitou ao presidente da Sociedade Rural Brasileira, Dr. Luis de Toledo Piza Sobrinho, respondesse ao questionário abaixo, versando questões de palpante interesse nacional. Para conhecimento dos leitores d'"A RURAL", reproduzimos em nossas colunas a referida publicação:

1) Julga V. S. que o café no Brasil já passou da sua fase áurea e que tenha entrado na fase de decadência? Por que? (tanto em caso de resposta afirmativa como negativa).

2) Rápidas considerações sobre a contribuição passada e presente da rubiácea à economia brasileira: quanto do que possuímos e realizamos hoje nos diversos setores da lavoura, indústria e comércio devemos ao café?

3) Que medidas de ordem econômica, financeira e técnica (na lavoura) aconselha para um desenvolvimento mais seguro da cafeicultura no Brasil?

—oO—

A resposta à primeira pergunta, depende da conceituação que se dê à expressão "fase áurea da cafeicultura brasileira".

Se, no sentido de uma produção dominadora, pela quantidade relativa à produção mundial, responderíamos afirmativamente. Tendo as lavouras do país alcançado a colheita máxima de 29.034.000 sacas de 60 quilos em 1933/34, e colhido nos últimos anos uma média de 15.000.000 apenas, a decadência de sua produção é indubitável.

Mais acertado, porém, seria dividir a cultura de café no Brasil em dois ciclos. O da cultura extensiva e o da intensiva.

O ciclo da cultura extensiva está difinitivamente encerrado na região ecológica mais adequada à produção da preciosa rubiácea no país, qual a que compreende o Estado de S. Paulo, Sul de Minas e o

chamado Velho Norte do Paraná.

As grandes lavouras dessa região, da época do desbravamento dos antigos sertões, plantados quando a ciência agrônômica se encontrava ainda na infância, em parte apreciável, devido à crise econômica mundial de 1929/30, foram substituídas por outras culturas, e as restantes, pela idade das plantas, entraram em franca decadência, tornando-se o custo de sua produção bastante elevado.

Porisso, por iniciativa da tradicional Sociedade Rural Brasileira, em colaboração com a Secretaria da Agricultura de S. Paulo e seu Instituto Agrônômico de Campinas, foi, há cerca de três anos, aberta a campanha de renovação da cultura cafeeira, em termos técnico-científicos.

Iniciou-se, assim, o ciclo da cultura intensiva, com a substituição dos cafeeiros decadentes e de produção anti-econômica, por novas lavouras, protegidas por curvas de nível, plantadas com sementes selecionadas, de variedades apropriadas aos diferentes tipos de solo, mediante prévia análise da terra indicativa, também, da adubação necessária.

As primeiras plantações assim formadas, em velhas fazendas de alguns municípios paulistas, como Valinhos, Campinas, Jaú, S. Manuel, Itú, já estão demonstrando os resultados surpreendentes da nova orientação que se pretende generalizar na cafeicultura nacional, visando a produtividade e qualidade da privilegiada baba, a fim de comparecer, sem a desvantagem atual, na luta competitiva dos mercados consumidores da saborosa e estimulante bebida.

atingiremos, então, com o ressurgimento dos cafeais da referida região ecológica acima citada, à verdadeira fase áurea do café no país.

A prática dessa sadia orientação racional (respondendo, assim, ao

terceiro item do questionário) vem sendo, porém, entravada (quem diria!) precisamente por quem deveria propagá-la e estimulá-la — o governo federal, com a sua instável e desastrosa política econômico-financeira.

Sendo a lavoura cafeeira a principal fonte de divisas de moedas fortes, pois, fornece de 70 a 80% de cambiais para as importações necessárias ao país, deveria o governo preservar, ou melhor, estimular o desenvolvimento desse precioso manancial de meios de pagamento no exterior. Ao contrário, não só malbarateia as já escassas divisas produzidas pelo café, como delas nada reserva para o fornecimento indispensável às atividades agrícolas, e, notadamente à cafeicultura, de implementos e maquinaria destinada ao seu aperfeiçoamento e que não existem no comércio local.

Os preços de tais implementos, além disso, pelo regime cambial vigente, alcançam níveis astronômicos, encarecendo o custo dos produtos da terra.

A iniciativa particular dos lavradores, portanto, na sua faina de renovar a cultura do café, no inteligente e sensato programa acima exposto, se vê frenada pela desorientação da política econômico-financeira dos poderes públicos.

Para finalizar, respondendo ao item segundo do questionário, poderíamos afirmar, sinteticamente, que o Brasil construiu o seu já apreciável parque industrial, ativo o seu comércio interno e externo, à custa de sua produção cafeeira.

A cafeicultura exige abundância de braços, o que quer dizer, aumento de população com poder aquisitivo, consumidores aptos a adquirir produtos industriais, atividade comercial. E, tudo isso, significa progresso, civilização.

S. Paulo, o Estado maior produtor de café do Brasil, deve à preciosa rubiácea a sua condição de região mais rica e próspera do país.

## Sementes de Café "MUNDO NOVO"

### ZONA RIBEIRÃO PRETO

Sementes selecionadas, de alta linhagem e ótima germinação. Produzidas pela FAZENDA SANTA AMÉLIA, em

Ribeirão Preto, com 100.000 pés de café "MUNDO NOVO"

SEMENTES DESPOLDADAS — Cr\$ 130,00 por quilo.

SEMENTES EM CÓCO — Cr\$ 45,00 por quilo

e

Pedidos a:

**DONA AMÉLIA JUNQUEIRA**

Rua Tibiriçá n.º 1043 — Telefone: 1296

RIBEIRÃO PRETO (Estado de São Paulo)

**SEBASTIÃO M. JUNQUEIRA**

Rua Avanhandava n.º 794 — Telefone: 35-7297

SÃO PAULO